

**Racismo e formação da identidade racial na literatura infanto-juvenil:
Uma análise de *Flicts* e *Pretinha, eu?*/ *Racism and racial identity
formation on Children and Youth Literature: An analysis of *Flicts* and
*Blackie, I ?****

Anailde da Silva Ribeiro*

RESUMO

Este artigo tem o intuito de analisar como a questão étnico-racial tem sido trabalhada em livros voltados para crianças e adolescentes, os quais estão em processo de construção de sua identidade e de formação como cidadãos e por isso a Literatura Infanto-Juvenil tem papel relevante nesse processo. Desta maneira, foi realizada pesquisa bibliográfica e análise de duas obras, uma destinada as crianças, *Flicts* de Ziraldo, e outra voltada para adolescentes, *Pretinha, eu?* De Júlio Emílio Braz, as quais durante seus relatos são encontradas questões como o preconceito racial e, finalmente, a aceitação da própria identidade, demonstrando que esse público-leitor não deve ser subestimado, mas, que temas como esses devem ser tratados com o objetivo de auxiliar na formação deles enquanto indivíduos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infanto-Juvenil. Racismo. Identidade racial.

ABSTRACT

*This article aims to analyze how the ethnic -racial question has been crafted in facing books for children and adolescents, who are in the process of building their identity and formation as citizens and therefore the Children and Youth Literature plays an important role this process. Thus , literature search was conducted and analysis of two works , one for children , *Flicts* by Ziraldo , and another focused on teenagers , *Blackie, I ?* by Julio Emilio Braz , which during their reports are found issues such as racial prejudice and , finally , acceptance of one's identity , showing that public- reader should not be underestimated , but that issues such as these should be treated with the goal in assist in training them as social individuals.*

KEYWORDS: *Children and Youth Literature. Racism. Racial identity.*

* Pós-graduanda em Literatura Brasileira pela Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE. Recife – PE – Brasil. E-mail: anailde_ribeiro@hotmail.com.

Introdução

A Literatura Infanto-Juvenil surgiu com o objetivo de disciplinar as crianças para quando se tornassem adultos, assim, em um primeiro momento, ela apenas reproduzia os textos destinados aos adultos. A partir do entendimento de que crianças e adolescentes possuem fases diversas de desenvolvimento, os livros buscaram adaptar-se a cada um dos estágios, afastando-se um pouco do caráter pedagógico e se tornando entretenimento ao tratar assuntos diversos, como morte, bullying e racismo.

Sendo assim, a Literatura que é percebida como representação das vivências humanas, retomando a ideia de mimese platônica, e torna ferramenta na formação do leitor, o qual, no caso da Infanto-Juvenil, está em processo de formação como indivíduo social, portanto, é de extrema importância que ele se sinta representado nas obras lidas e assim construa e afirme sua identidade.

Desta maneira, cabe aos livros infanto-juvenis não subestimar a criança e o adolescente, mas, estimulá-los a pensar criticamente e permitir que reconheçam situações já vividas e se preparem para tantas outras a partir da leitura, por isso, quando a Literatura aborda temas como diversidade, racismo e formação da identidade racial está promovendo um diálogo importante com esses sujeitos.

Por conseguinte, buscamos através da pesquisa bibliográfica analisar a Literatura Infanto-Juvenil em seu caráter global e no Brasil, a relação entre Representação, Literatura e Identidade e observar como os temas étnico-raciais, isto é, diversidade cultural, racismo e formação e da identidade racial são tratados nesse gênero literário.

Finalmente, foi realizada uma análise de duas obras destinadas a crianças e adolescentes, *Flicts*, de Ziraldo, e *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz, examinando sua narrativa e como trataram, principalmente, o tema do racismo e da jornada de aceitação da identidade.

A literatura infanto-juvenil

A “Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana”, desta maneira Coelho (1997, p. 24) conceitua a literatura, a qual é compreendida como a expressão de vivências do homem, de modo

que a Literatura Infanto-Juvenil segue a mesma perspectiva, diferenciando-se, apenas, pelo seu público leitor que é a criança e o adolescente.

Surgida na Europa, a Literatura Infanto-Juvenil tinha o intuito de ensinar a criança a se tornar adulto, as quais seriam disciplinadas e educadas nas escolas, assim, Rufino (2010, p. 23), defende que essa literatura pode ser um “um dos mecanismos de contextualização e educação da criança no seu meio cultural”.

Nessa perspectiva, muitos consideram a Literatura Infanto-Juvenil um gênero menor, pois, conforme a compreensão geral ela ser composta de conteúdos morais e formativos juntamente com o entretenimento, visto que seu público-alvo está formando sua identidade ainda e possui necessidades diferentes dos adultos. (SOUZA, 2010).

Logo, a Literatura Infanto-Juvenil tem como característica a mistura do imaginário e o real, visto precisar alcançar a atenção do seu público-alvo e comunicar-se com ele, embora a sua natureza seja a mesma que a literatura para adultos, isto é, contar uma história.

Sendo assim, Coelho (1997) lembra que a origem desse gênero literário o aproximava ora da diversão, ora do aprendizado e por considerarem as crianças como adultos em miniatura, os primeiros textos infantis eram reprodução de textos para adultos, portanto, a Literatura Infanto-Juvenil era enxergada “como algo *pueril* (nivelada ao brincar) ou *útil* (nivelada à aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta).” (p. 26, grifos do autor)

A mudança da percepção dessa literatura aconteceu a partir a Psicologia Experimental, a qual demonstrou que existem diversos estágios de desenvolvimento entre crianças e adolescentes, de modo que a Literatura Infanto-Juvenil precisou adaptar-se as necessidades de seu público-leitor em cada uma de suas fases, de modo que Axer (2009) considera este o surgimento da Literatura Infanto-Juvenil propriamente dita.

Por isso, Souza (2010) admite que a Literatura Infanto-Juvenil deixou de ser, apenas, moralizante para auxiliar na formação e desenvolvimento do indivíduo, entretanto, quando esta possui o único objetivo de ensinar, pode prejudicar na formação leitora da criança ou adolescente, considerando a leitura como uma experiência maçante.

A escola tem papel primordial na construção desse leitor, pois, anteriormente as famílias possuíam momentos de contação de histórias, preservando a tradição oral,

entretanto, com o novo modelo familiar tal momento perdeu espaço e o primeiro contato da criança com a Literatura passa a acontecer no ambiente escolar, cuja função é formar cidadãos.

Sendo assim, Coelho (1997) esclarece que a Literatura Infanto-Juvenil é a comunicação entre o autor adulto e a criança ou adolescente, de maneira que aquele transmite para estes as experiências vividas e que seus leitores ainda não viveram, não sendo assim, mero entretenimento, mas, “uma *aventura espiritual* que engaje o *eu* em uma experiência de Vida, Inteligência e Emoções” (p. 28, grifos do autor), sendo corroborada por Axer (2009) que compreende o livro infanto-juvenil como entretenimento juntamente como instrumento para construção da bagagem cultural do seu leitor, que passará a possuir novas perspectivas de interpretação do mundo.

Deste modo, a Literatura Infanto-Juvenil não deve ser compreendida como apenas entretenimento ou apenas educadora, mas, como a união de ambos, já que seu público-leitor está em formação e as experiências descritas nos livros ajudarão no desenvolvimento de sua identidade, bem como na construção de habilidades sociais, emocionais e cognitivas, pois, a partir da leitura crianças e adolescentes entram em contato com novos mundos, tempos e modos de agir.

A literatura infanto-juvenil no Brasil

A Literatura Infanto-Juvenil brasileira seguia a tendência de servir como instrumento pedagógico nas escolas, quando Monteiro Lobato surgiu, em 1921 publicando *Narizinho Arrebitado*, no cenário brasileiro escrevendo para este público, o qual se tornou inovador ao falar a linguagem da criança sem infantilizá-la, contando suas histórias naturalmente, sem subestimar a inteligência de seu público-leitor.

Outrossim, Dias (2008) ao citar Gouvêa (2005) estabelece que o grande diferencial de Lobato foi abordar nos livros infantis as raízes raciais e culturais brasileiras, de modo que tal temática passou a ser utilizada por outros autores e Monteiro Lobato deixou de ser um autor infantil para tornar-se gênero literário, visto que a Literatura Infanto-Juvenil passa a ser dividida em pré-lobatiana (1806 a 1919), lobatiana (anos 1920 a anos 1960) e pós-lobatiana (a partir de meados dos anos 1960).

Desta maneira, Miguel (2013) compara a obra lobatiana com clássicos como *Peter Pan* e declara que o brasileiro também criou seu universos fantástico que criticava

o mundo adulto e produziu personagens tipicamente brasileiros, embora, não tenha sido unanimidade entre a crítica que o considera, ainda, muito didático.

Por conseguinte, a literatura pós-lobatiana trouxe para a Literatura Infanto-Juvenil duas áreas:, isto é, a do questionamento e a da representação, as quais, Coelho (1997, p. 134) distingue como aquelas estimulam os leitores a questionarem e transformarem o mundo, enquanto estas mostram quais caminhos devem ser seguidos ou evitados.

Ademais, a exemplaridade é inibida, ou seja, os personagens deixam de ser essencialmente bons ou maus para apresentarem a dualidade humana, de modo que as crianças e adolescentes possam resolver os problemas descritos e sejam incentivados a pensar de forma diferente, assim, são eles são estimulados a repetir essa experiência na vida real quando confrontados por problemas e a pensar de forma crítica.

Nessa perspectiva, a literatura para crianças e adolescentes brasileira passou por uma transformação durante os anos, tendo como marco literário o escritor Monteiro Lobato, o qual através de suas obras demonstrou que as crianças não eram mini adultos e por isso as obras não deveriam ser resumos das histórias para adultos, mas, também não precisavam subestimá-las ao ponto de ignorar temas que fazem parte do cotidiano de todos, mas, a literatura para esse público deveria tratar de diversos temas desde que utilizando a linguagem compreensível para seu público-leitor, além disso, Lobato resgata o folclore brasileiro.

Sendo assim, a Literatura Infanto-Juvenil passou a abordar temas sociais e atuais, como autismo, morte, racismo, preconceito, abuso sexual, além de utilizar tendências diversificadas, entre elas, o realismo cotidiano que trata situações do dia-a-dia e se subdivide em realismo crítico, lúdico, emotivo e documental, e a imagística que tem como elemento básico as figuras e imagens, de modo que as obras *Prezinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz, e *Flicts*, de Ziraldo, se encontram no realismo crítico e imagística, respectivamente.

Representação, literatura e identidade

A literatura pode ser compreendida como a expressão escrita da vivência humana, de modo que “a língua como instrumento de comunicação entre os indivíduos

traduz as representações sócio-históricas e culturais de uma sociedade”, conforme explica Barreiros (2010, p. 2).

Desta maneira, a literatura não é uma representação direta da vida, mas, expressas a partir da perspectiva que o outro possui sobre determinado acontecimento, assim, as representações sociais são usadas para estimular o pensamento crítico do leitor diante de determinada realidade.

Ademais, mesmo buscando a verossimilhança com a vida real, a literatura possui sua própria verdade, sobre a qual Ribeiro (2014, p. 124) afirma “a questão da ‘verdade’ ficcional será base para que todo escritor faça aproximações e diferenças sobre perfis, complexidades, similitudes e combinações várias das personagens no espaço do texto”.

Sendo assim, Barreiros (2010) corrobora tal entendimento ao citar Deleuze (1974), a qual compreendia que a representação é um simulacro da realidade ao possuir marcas sócio-históricas, culturais e ideológicas, visto que o mundo da mimese platônica expressa o mundo real dentro da ideia de verdade ficcional.

Outrossim, Guimarães *et al.* (2012, p. 4) esclarece que “a questão da identidade só pode ser usada na esfera do discurso e como recurso para a criação de uma coletividade, que constitui nosso repertório de representações”, de maneira que a partir das representações na literatura a criança e o adolescente começa a reconhecer sua identidade cultural, racial, sexual, pois, a identidade está em constante construção.

Nessa perspectiva, ao representar pessoas e raças, a Literatura Infanto-Juvenil atua como instrumento de formação da identidade de crianças que se sentirão pertencentes aquele espaço ou não, como acontece com as bonecas negras, nas quais as crianças afrodescendentes começam a se reconhecer, de modo que os seus leitores passem a compreender a sociedade como pluricultural, visto que a construção da identidade acontece a partir da interação entre o sujeito e o meio ao qual está inserido.

Entretanto, a Literatura Infanto-Juvenil brasileira, ainda, possui resquícios eurocêntricos, de maneira que o negro é representado como subalterno e analfabeto desde o período pré-lobatiano, tendo sido apresentado na figura de Tia Anastácia, por Monteiro Lobato, como a negra cozinheira que fazia uso da oralidade para contar histórias folclóricas às crianças brancas, perpetuando o estereótipo do negro.

Em contrapartida, a literatura pós-lobatiana já representa o negro e sua cultura, principalmente após a Lei nº 10.639/2003, que segundo Barreiros (2010, p. 5), “como forma de (re)conhecimento da cultura negra na construção da sociedade brasileira,

muitas obras de literatura infantil antigas foram reeditadas, algumas traduzidas e outras criadas”, além de haver pesquisado sobre a representação do negro nesse gênero literário, pois, a criança e o adolescente se reconhece nos personagens das histórias, construindo, assim, sua identidade.

Diversidade racial na literatura infanto-juvenil

A diversidade racial é a pluralidade das raças, a qual é conceituada pelo Michaelis Online (2016, p. 1) como “divisão dos vários grupos humanos, diferenciados uns dos outros por caracteres físicos hereditários, tais como a cor da pele, o formato do crânio, as feições, o tipo de cabelo etc.”, sendo assim, a sociedade classifica uns aos outros como de raça branca, raça negra, raça amarela.

De modo que Souza (2010) defende que por ser instrumento de ligação da criança ou adolescente com o mundo, a Literatura Infanto-Juvenil é uma ferramenta para introduzir a questão racial para esse público, juntamente com temas como preconceito e racismo.

Sendo assim, considerando que há uma pluralidade racial na sociedade, a Literatura Infanto-Juvenil deveria representá-la em suas obras como forma de naturalizar as diferenças entre crianças e adolescentes, entretanto, como pode ser observado nos contos de fadas, existe uma negação da raça negra de maneira que os personagens são unicamente pertencentes da raça branca, cujas características físicas se tornam ideias de beleza para seus leitores.

Outrossim, Reis e Silva (p. 4) confirmam que nos contos de fadas há a hegemonia da raça branca e declaram “desse modo, não percebemos no contexto deste contos nenhuma alusão às outras etnias e nem mesmo a inserção delas no mundo do educar infantil”, indo de encontro a ideia de diversidade racial.

Nesse sentido, Mariosa e Reis (2014) lembram que os personagens negros começaram a surgir na literatura no final da década de 1920, entretanto, sua representação reforçava o estereótipo de sua inferioridade em relação aos brancos, enquanto, no Modernismo, apesar de valorizar os indígenas e negros, eles eram apresentados como exóticos.

Por outro lado, Mariosa e Reis (2014, p. 45) admitem que, atualmente, a Literatura Infanto-Juvenil busca retratar o negro de maneira comum, isto é,

“enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana”, de forma que a criança e o adolescente negro se sintam prestigiadas e não inferiorizadas pelo passado de escravidão de seus ancestrais.

Por conseguinte, a escola tem papel fundamental por ser a intermediadora entre a criança e o adolescente e a literatura, assim, é seu papel escolher livros que contribuam para o contato com a diversidade racial, de modo que pessoas de raças diferentes se sintam representadas nas obras e aprendam a respeitar as diferenças sociais e culturais de cada grupo étnico, inibindo assim o branqueamento, o qual possui papel prejudicial na formação da identidade do público-leitor.

Ademais, Mariosa e Reis (2014) citam o entendimento de Walter (2009) de modo a argumentar que a identidade brasileira é uma mistura da cultura negra, branca e indígena e que a Literatura Infanto-Juvenil deve representar tal miscigenação para que as crianças e adolescentes possam construir sua identidade nacional.

Racismo na literatura infanto-juvenil

Racismo é o preconceito destinado a uma determinada raça, de modo que é necessário primeiramente compreender o que significa preconceito, cuja formação deriva da junção do prefixo “pré” referente a anterioridade e “conceito” que se refere a opinião, ou seja, racismo é a opinião pré-concebida sobre determinada raça sem possuir os conhecimentos necessários sobre a mesma.

Segundo Pimentel *et al* (2015), o preconceito racial deriva da ideia de superioridade de uma raça sobre a outra, sendo que ao pensar em racismo remetemos mais ao preconceito à raça negra devido ao histórico de escravidão sofrido por esse povo.

Nesse sentido, Munanga (2004) explica que a ideia de que a raça europeia é superior deriva da classificação racial feita por Carl Von Linné, o qual hierarquizou quatro raças: americana, asiática, africana e europeia, de modo que o autor, ainda, explica que o racismo é a crença de que “as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas” (p. 24).

Desta maneira, a escola como formadora de cidadãos deve combater o preconceito, embora, muitas vezes se torne reprodutora ao permitir que situações aconteçam e por não tratar efetivamente do assunto com alunos e professores, ademais, o uso de determinadas obras também perpetuam o racismo.

Por conseguinte, Souza e Paiva (2012, p. 2) utilizam Rosemberg (1985) para tratar da questão da ideologia na Literatura Infanto-Juvenil ao afirmar a Literatura Infanto-Juvenil “é em si mesma um campo eficaz de criação de estereótipos e padrões de reprodução de valores convencionados e configurando como um gênero que também atua na construção ideológica”.

Importante compreender que estereótipos são consequências do preconceito, visto que Pimentel *et al.* (2015, p. 6) os conceitua como “generalizações que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros baseados em generalizações”, sendo assim, muitos dos estereótipos tem ligações com a classificação de Linné, por exemplo de que o americano é moreno e cabeçudo, o asiático é amarelo e melancólico, o africano é negro e preguiçoso e o europeu é branco e inventivo. (MUNANGA, 2004)

Ademais, a Literatura Infanto-Juvenil que assim como a escola deveria ir de encontro a esses estereótipos, apresentando a diversidade racial para seu público-leitor, muitas vezes, faz um desserviço ao perpetuar tais conceitos, como é encontrado nas obras de Monteiro Lobato, pois, como alerta Miguel (2013), o escritor acreditava na eugenia, demonstrando sua concepção ideológica, através de seus personagens, como a Boneca Emília que se referia a Tia Anastácia por expressões “macaca de carvão” e “negra de estimação”.

Por outro lado, o racismo presente na Literatura Infanto-Juvenil segue a tendência do racismo brasileiro, isto é, um preconceito dissimulado, no qual brincadeiras e apelidos surgem de forma natural entre os personagens sem que estes sejam reprovados por suas falas, assim, as crianças e adolescentes são ensinados de que a raça branca é superior, fazendo com que os pertencentes a raças diferentes se sintam inferiores perante os brancos, continuando, assim, o preconceito racial, em vez de ensinar o respeito entre todos.

Nessa perspectiva, Ramos (2007, p. 44) afirma que a Literatura Infanto-Juvenil traz o preconceito racial “muitas vezes, de maneira camuflada, mas que nem por isso deixa de contribuir para a formação de identidades de negros e não negros” e continua

ao declarar que essa perpetuação discriminatória não acontece, apenas, na linguagem verbal, mas, também na linguagem não verbal a partir das ilustrações feitas.

Desta maneira, a Literatura Infanto-Juvenil é a junção de escrita e imagens, assim, quando o ilustrador representa os personagens de outras etnias de maneira caricata, ele está expressando para o público-leitor que a raça branca é o ideal de beleza e que os demais são inferiores, de modo que se torna essencial observar tanto o texto como os desenhos dos livros para que estes não eternizem o preconceito racial, mas, demonstrem as diferenças fazendo com que todos se sintam valorizados independente de qual raça pertença.

Formação da identidade racial na literatura infanto-juvenil

A Lei nº 10.639/2003 inclui o estudo da história afrobrasileira no Ensino Fundamental e Médio, excluindo desse contexto de diversidade racial o Ensino Infantil, embora, Rosemberg (2012) destaque que antes dos sete anos, isto é, entre quatro ou cinco anos de idade, as crianças já desenvolvem identificação racial, embora, alerte que há parcela da população brasileira não remete cultura e tradição como definidores de cor e raça, assim, mesmo se declarando negros ou pardos não se sentem pertencentes da cultura afrobrasileira e, também, não são imunes ao racismo.

Nesse sentido, Rosemberg (2012) observa que as pesquisas sobre Educação Infantil pouco abordam as relações raciais, de modo que urge estudar a questão das idades sobre as relações sociais, isto é, a formação da identidade racial, ademais, quando as pesquisas abordam o tema, limita-se aos estereótipos e preconceitos nas relações entre a criança e o outro, seja ele criança ou adulto.

Por conseguinte, a Literatura Infanto-Juvenil e a escola são mecanismos que auxiliam a criança e o adolescente a se reconhecerem dentro do espaço social, formando sua identidade.

Nesse contexto, Rufino (2010) explica que existem várias identidades, isto é, de gênero, étnica, social e profissional, e que a afirmação de sua identidade permite a luta social por seus direitos, concluindo, “na busca de espaços democráticos, a identidade se torna algo fundamental para a conquista desses espaços, por isso o indivíduo não constitui sua identidade sozinho, ela está inserida em um contexto social” (p. 13).

Ademais, Rufino (2010) lembra que a identidade racial está ligada ao que consideramos natural e imutável, embora, a própria identidade seja algo dinâmico e marcado por subjetividade, visto relacionar-se constantemente com o meio social em que o indivíduo está inserido.

Deste modo, Lopes (2012) adverte que os livros infanto-juvenis possuem um déficit de protagonistas não brancos, embora, se saiba que a Literatura Infanto-Juvenil possui um papel relevante na construção da identidade das crianças e adolescentes, logo, essa presença quase unânime de protagonistas brancos é prejudicial para a autoimagem do público-leitor que não pertence a tal raça e a vontade de afastar-se de sua própria etnia por entendê-la inferior.

Portanto, podemos considerar que a ausência de representação de outras etnias diferentes da raça branca é consequência do racismo camuflado que existe no Brasil e expressão da ideologia de que o outro é inferior, por isso sua cultura e tradições não precisam ser ensinadas, além disso, como alerta Dias (2008), os negros quando representados sofrem um processo de embranquecimento, o qual resulta em “um processo de auto-rejeição dos seus fenótipos e a desejar a construção de uma identidade branca”. (GUIMARÃES *et al.*, 2012, p.8)

Em contrapartida a perpetuação desses preconceitos, editoras especializadas em livros infanto-juvenis com protagonistas negros têm surgido no mercado editorial, todavia, os mesmo ainda são pouco conhecidos, principalmente, porque as escolas tendem a optar pelos mesmo livros clássicos, mesmo sabendo que, geralmente, ela é a ligação entre as crianças e adolescentes e os livros, por isso, é seu papel apresentar obras diversificadas, entre as quais as que abordam as questões étnico-raciais.

Racismo e formação da identidade racial: uma análise de “Flicts” e “Pretinha, eu?”

Flicts, obra de Ziraldo, foi lançada em 1969, chamando atenção para sua concepção gráfica, entretanto, o poema vai além do uso da “interação entre imagem e texto” (D’AMBROSIO, 2007, p.1) ao abordar temas como a diversidade, exclusão social e aceitação da identidade.

Na obra, *Flicts* é caracterizada como “uma cor muito rara e muito triste” (ZIRALDO, 2005, p.5) que não pode ser comparada a nenhuma cor conhecida, como o vermelho, o azul e o amarelo, sendo “apenas o frágil e feio e aflito *Flicts* (p.11), por isso

não se encaixava em nada no mundo, não fazia parte da caixa de lápis de cor, nem do jardim, nem do arco-íris, bandeiras e brasões, de modo que o autor conclui “não existe no mundo nada que seja Flicts – nem a sua solidão” (p. 12).

Sendo assim, Flicts busca seu lugar no mundo, sendo rejeitada continuamente por todas as cores que não se permitiam interagir com uma cor tão estranha, visto que “nada no mundo é Flicts ou pelo menos que ser” (ZIRALDO, 2005, p. 30), assim, a cor solitária vai continuando sua busca até cansar, quando ao olhar para o horizonte vai subindo e sumindo até encontrar seu lugar, pois, como afirma o autor só quem sabe da verdade são os astronautas, isto é, “que de perto de pertinho a Lua é Flicts” (p. 45-46).

A obra de Ziraldo é voltada para o público infantil, como pode ser percebido através das muitas imagens e pouca linguagem verbal, entretanto, o livro aborda temas que por muito tempo foram negados a este público, de modo que Santos (2009) alerta que mesmo usando como personagem as cores, o tema central do livro é a chegada do homem à lua.

O tratamento dado à Flicts pelas outras cores apresenta ao leitor o racismo diante da diversidade racial, pois, a cor não é aceita por ser diferente de todas aquelas daquela sociedade e em vez de ser admitida como do mesmo gênero, já que todos são cores independente da “raça”, Flicts é rejeitada e os adjetivos atribuídas a ela reforçam seu sentimento de inferioridade em relação aos demais, visto que suas características são sempre negativas, ela é feia, solitária, triste, frágil, entre outros adjetivos.

Deste modo, Ziraldo expressa ao seu público-leitor o preconceito racial, porquanto, as cores evitam aproximar-se de Flicts a partir de uma concepção prévia, na qual não há qualquer conhecimento suficiente, já que não se permitiram conhecê-la. Por outro lado, Flicts tenta se encaixar e se adaptar no mundo que a renega, fazendo uma busca que D’Ambrosio (2007) divide em duas fases: através de elementos infantis, como a ciranda, e elementos adultos, como os escudos.

Nesse contexto, percebendo que não conseguia se adequar a nada, a cor rara parou, mas, a verdade é que Flicts não desistiu de si e resolveu negar-se como acontece com muitas crianças que negam sua etnia como consequência do racismo dissimulado que sofre todos os dias, a verdade é que Flicts, finalmente, se aceitou e quando isso aconteceu, pode encontrar seu lugar no mundo, o qual não era na Terra, mas, na Lua.

Por conseguinte, compreendemos que a obra de Ziraldo apresenta ao seu leitor a jornada de construção de sua identidade racial, a qual, muitas vezes, se torna árdua pelo

processo de embranquecimento existente em toda a sociedade, inclusive nos livros infanto-juvenis, até conseguir se aceitar e sentir-se pertencente de um determinado grupo, identificando-se como tal e, então, percebendo seu lugar no mundo, ao mesmo tempo em que expressa a pluralidade de cores que existe na sociedade.

Já na obra de Júlio Emílio Braz, *Pretinha, eu?*, é contada a história de Vânia, única aluna negra e bolsista do Colégio Harmonia, sendo narrada por Bel, que se denomina como moreninha, filha de um advogado negro que se caracteriza como mulato claro e de uma mãe branca.

Em seu prefácio, Braz (1997) confessa que só se descobriu negro aos vinte e poucos anos e revela que mesmo não sendo autobiográfico, as duas personagens (Vânia e Bel) possuem muito de si, concluindo “a determinação soldadesca de uma e a inquietação de outra me pertenceram durante bastante tempo e, pior, devem pertencer a muitas outras pessoas”.

A obra destinada para adolescentes a partir dos onze anos inicia expressando todo o espanto de alunos, pais e professores ao acompanhar a entrada de Vânia no colégio, “porque, em cem anos de tradição, jamais alguém como Vânia entra lá. Pelo menos, não como aluna. Por quê? Porque ela era... era... era... era preta, pretinha, pretinha, pretinha de parecer azul” (BRAZ, 1997, p. 7).

A partir desse momento são apresentados diversos momentos de racismo dissimulado, como os olhares espantados pela presença da aluna, como de racismo explícito através dos apelidos e brincadeiras maldosas feitas por Carmita e suas amigas (Bárbara, Vivi e Tatiana), todas de raça branca com exceção de Bel, que como Santos (2012, p. 5) observa “não aceitava a sua descendência negra”.

Entretanto, a presença de Vânia gera questionamentos em Bel que começa a confrontar sua identidade a partir da semelhança com a garota, - “eu nem sequer gostava de ficar muito perto dela. Era medo de que notassem a semelhança há tanto tempo ignorada ou simplesmente despercebida.” (BRAZ, 1997, p. 11) -, ao mesmo tempo que a nega aceitando seu embranquecimento, o qual é reforçado por seus pais, - “Apesar de Vânia ser mais pretinha do que eu. Pretinha, eu? Não, eu não. Eu era morena. Era o que mamãe dizia e papai repetia” (p. 11).

Sendo assim, o livro vai narrando situações em que as garotas tentam inferiorizar Vânia, a qual Carmita raramente chamava pelo nome preferindo tratá-la por pretinha, e o processo de formação de identidade de Bel, que participava das brincadeiras contra a

garota negra para evitar que percebessem a semelhança entre elas – “não, a gente não era igual. Não era mesmo. Todo mundo tinha de saber disso” (BRAZ, 1997, p 13) – até que ao brigar com Carmita, termina por se aproximar de Vânia.

Por conseguinte, Santos (2012) argumenta que ao se aproximar de Vânia, Bel vai de encontro aos preconceituosos que não aceitam a amizade como seu antigo grupo de amigas e sua mãe, ao mesmo tempo em que forma sua identidade, pois, “Bel estava reconhecendo-se e aceitando-se como negra e, aos poucos, descobrindo que o comportamento de sua família era fundamentado em um preconceito racial escamoteado por expressões veladas” (p.6).

Assim, ao se reconhecer como negra, Bel auxilia seu pai no mesmo reconhecimento, fazendo-o assumir sua família no álbum de fotografia, de modo que o autor conclui a narrativa da seguinte forma “Pretinha, eu? Não to nem aí!” (BRAZ, 1997, p. 59).

Nesse contexto, a obra de Braz aborda de forma explícita assuntos como diversidade racial, racismo e formação da identidade, sendo que o primeiro acontece quando Vânia chega ao Colégio Harmonia e quebra a homogeneidade branca do local, onde Bel havia sido embranquiçada e aceita, contudo, a classe social baixa e o físico fortemente característico da raça negra não permitiu que Vânia se camuflasse no local.

Já o racismo é demonstrado através do grupo de Carmita contra Vânia, mas, também por meio de Vânia e Bel quando esta já amiga daquela revida a brincadeira de sua antiga amiga, gerando o seguinte comentário da professora Renata “uma pessoa chamada de ‘pretinha’ pelas colegas pode ser a mesma que chama as colegas de ‘branca azeda’ ou ‘barata descascada’ – disse ela – Qual a diferença? Nenhuma. As duas estão sendo preconceituosas” (BRAZ, 1997, p. 58).

Desse modo, o autor aborda o racismo de maneira eficaz ao demonstrar como o preconceito inferioriza o outro, pois, o racista se sente superior, ao mesmo tempo em que representa o negro que consegue vencê-lo devido a sua força de vontade e o negro que ao se reconhecer como tal passa a respeitar sua etnia, na figura de Bel que antes subjugava Vânia e depois torna-se sua amiga.

Ademais, o diretor e os professores resolvem dar aulas sobre preconceito e discriminação racial, trazendo ao livro um caráter pedagógico, como forma de fazer seu leitor reavaliar determinados conceitos e incluir outros, como o racismo reverso, quando para defender-se o negro também comete racismo.

Finalmente, em *Pretinha, eu?*, assim como em *Flicts*, há a jornada de formação da identidade do sujeito, quando Bel começa a se confrontar enquanto pertencente a uma raça até o momento que se assume negra e se reconhece como pertencente desse grupo, o qual anteriormente negava.

Considerações finais

A Literatura Infanto-Juvenil tem demonstrado que não precisa ser unicamente moralizante, podendo ser, também, entretenimento para crianças e adolescentes, formando assim leitores interessados e não que consideram a leitura uma obrigação.

Nesse sentido, Monteiro Lobato foi um importante escritor infanto-juvenil ao trazer para suas obras uma linguagem simples e compreensível para crianças e adolescente, como também temas antes ignorados nesse gênero literário como as raízes culturais brasileiras, tornando-se assim um marco para a Literatura Infanto-Juvenil brasileira.

A partir desse momento percebeu-se que os livros são ferramentas de representação da sociedade para seus leitores, assim, quando personagens de raça branca são tratados como sinônimos de beleza e superiores aos de raça diferentes, está ensinando aos leitores que caso eles não sejam brancos são inferiores, perpetuando, desta maneira, o preconceito racial e promovendo o embranquecimento da população que passa a negar sua etnia para aproximar-se da raça branca.

Sendo assim, esse gênero literário tem papel relevante ao comunicar-se com as crianças e adolescentes e a partir da inclusão de personagens de diversas raças, sendo retratados de maneira natural e não hierarquizado, trabalhar com seu público temas como diversidade racial e respeito às diferenças, racismo e formação da identidade racial.

Finalmente, foi necessário criar uma lei para que tais temas fossem tratados no ambiente escolar, entretanto, antes disso obras literárias já abordavam o tema, como é o caso de *Flicts*, de Ziraldo, e *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz, as quais de maneira diferentes e voltadas para um público diverso narram histórias em que o diferente é excluído e sofre com isso devido ao racismo, ao mesmo tempo em que há uma jornada de formação de identidade para que aconteça sua auto-aceitação como indivíduo e reconhecimento de si como pertencente de um grupo.

REFERÊNCIAS

- AXER, Bonnie. Literatura Infantil: possibilidades de leitura a respeito das diferenças. In: *Biblioteca/Educação Artística*. 2009. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao_artistica/0022.html. Acesso em 27 jun. 2016.
- BARREIROS, Ruth Ceccon. Leitura e Formação IdentITÁTIA NA Literatura Infantil Afrobrasileira. In: *II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem*. 06 a 08 out. 2010. UNIOESTE, Cascavel / PR. 2010. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2022/leitura%20e%20formacao%20identitaria%20na%20literatura%20infantil%20afrobrasileira.pdf>. Acesso em 28 jun. 2016.
- BRAZ, Júlio Emílio. *Pretinha, eu?* São Paulo: Scipione, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Ática, 1997.
- D'AMBROSIO, Oscar. Flicts: a cor em busca de um lugar. In: *Jornal UNESP*, ano XXI, n. 225, agosto 2007. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/225/flicts.php>>. Acesso em 30 jun. 2016.
- DIAS, Alfrancio Ferreira. A identidade cultural do negro na literatura infantil de Monteiro Lobato. In: *Revista Fórum Identidades*, Universidade Federal de Sergipe, ano 3, vol. 3, jan-jun 2008, p. 103-109. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_I ND_3/SESSAO_L_FORUM_Pg_103_109.pdf>. Acesso em 28 jun. 2016.
- GUIMARÃES, Eduardo da Silva; DANTAS, Rejane Maria; MOURA, Daysa Cabral de. *Literatura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil: reflexões sobre a construção da identidade racial das crianças negras*. 2012. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/literatura%20africana%20e%20afro-brasileira%20na%20educacao%20infantil.pdf>. Acesso em 28 jun. 2016.
- LOPES, Naiane Rufino. *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2010: personagens negros como protagonistas e a construção da identidade étnico-racial*. Dissertação (Pós-Graduação em Educação). Universidade Estadual Paulista – Unesp, Marília-SP, 2012, 156f. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/Educacao/Dissertacoes/lopes_nr_me_mar.pdf>. Acesso em 30 jun. 2016.
- MARIOSA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. A Influência da Literatura Infantil Afro-Brasileira na Construção das Identidades das Crianças. In: *Estação Literária*, Londrina, Vagão-volume 8 parte A, dez. 2011, p. 42-53. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25625>>. Acesso em 29 jun. 2016.
- MICHAELIS ONLINE. *Raça*. 2016. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ra%C3%A7a>>. Acesso em 28 jun. 2016.
- MIGUEL, Adilson. Lobato e o racismo. In: *Revista Emília*. 2013. Disponível em: <<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=277>>. Acesso em 28 jun. 2016.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Cadernos PENESB* (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira), UFF, Rio de Janeiro, n. 5, 2004, p. 15-34. Disponível em: <<http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/Penesb%20%20-%20Texto%20Kabenguele%20Munanga.pdf>>. Acesso em 29 jun. 2016.

PIMENTEL, Josiane de Jesus Costa; SILVA, Juliana Lemos da; SANTOS, Nathalya Aparecida de Melo. *Racismo na Escola: Um desafio a ser superado*. 2015. Disponível em: <http://serra.multivix.edu.br/wp-content/uploads/2015/06/Racismo_Escola_um_desafio_ser_superado_ped.pdf>. Acesso em 29 jun 2016.

RAMOS, Angela Maria Parreiras. *Construção da identidade étnico-racial: o papel da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, 116f. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp040668.pdf>>. Acesso em 29 jun. 2016.

REIS, Wilma Jacyere Silva dos; SILVA, Teresa Cristina. A Literatura Infantil nos Anos Iniciais: a questão racial e o preconceito na sala de aula. In: *Anais III ENID*, UEPB, v. 1, 2013. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_6datahora_02_10_2013_20_56_03_idinscrito_1089_9a59a7cdf5a97d1b07636289ae7bdf65.pdf>. Acesso em 29 jun. 2016.

RIBEIRO, Anailde da Silva. A construção do ardil feminino na literatura: sob a perspectiva de Penélope e Capitolina. In: *Revista Letras Raras*, v. 3, n. 1, 2014, p. 122-143. Disponível em: <<http://150.165.111.246/revistarepol/index.php/RLR/article/view/233/188>>. Acesso em 28 jun. 2016.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações sociais. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.) *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012, p. 11-46. Disponível em: <<https://portal.mec.gov.br/docman/julho-2012-pdf/11212-educacao-infantil-livro180712-pdf>>. Acesso em 30 jun. 2016.

RUFINO, Tatiana Cristina Dias. *Representação da Identidade Negra nos Livros de Literatura Infantil*. 2010, 64f. TCC (Licenciatura em Pedagogia), Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/223>>. Acesso em 27 jun. 2016.

SANTOS, Adeilma Machado dos. Pretinha, eu? Literatura Infanto-Juvenil e Identidade Negra: novos olhares para a formação de leitores negros. In: *Revista Enlije*, v. 1, p. 1, 2012. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/resumo.php?idtrabalho=129>>. Acesso em 30 jun. 2016.

SANTOS, Neide Medeiros. FLICTS – um clássico da literatura infantil brasileira. In: *Nas trilhas da Literatura*, 5 de dezembro de 2009. Disponível em: <<http://nastrilhasdaliteratura.blogspot.com.br/2009/12/flicts-um-classico-da-literatura.html>>. Acesso em 30 jun. 2016.

SOUZA, Jaíde do Nascimento.; PAIVA, Tatiana Rachel Andrade e . Projeto: Discutindo a Diversidade Étnico Racial na Educação Infantil. In: *Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino - ENLIJE*, 2012, Campina Grande/PB. Anais Enlije IV - 2012. Campina Grande/PB: Realize Editora, 2012. v. 1. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/>>

trabalhos/59789aa2cbdc7265b777cb669d6c9137_417_260_.pdf.>. Acesso em 29 jun. 2016.

SOUZA, Kell. A Questão Étnico-Racial na Literatura Infantil. In: *Ofensiva Negritude*. 2010. Disponível em: <<http://ofensivanegritude.blogspot.com.br/2010/10/questao-etnico-racial-na-literatura.html>>. Acesso em 27 jun. 2016.

ZIRALDO. *Flicts*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.

Recebido em: 19 de set. 2018

Aceito em: 21 de nov. 2018